



Associação Portuguesa das Empresas
do Setor Elétrico e Eletrónico

Síntese de Conjuntura Setor Elétrico e Eletrónico 2º Trimestre 2019

Crescimento mundial lento e precário

1.CONJUNTURA SETORIAL

Nota: Os índices que se seguem resultam da média aritmética das respostas das empresas associadas, segundo uma escala qualitativa de **1 a 5**, em que 1 corresponde ao valor mais desfavorável e 5 ao mais favorável.

1.1 Vendas/Comercial

	2º Trim 2019	3º Trim 2019
Vol. Negócios mercado nacional	3,2	3,4
Vol. Negócios mercado externo	3,1	3,2
Seguro de crédito à exportação	2,9	2,7

O segundo trimestre do ano pautou-se por uma ligeira aceleração a nível de Volume de Negócios, que revela níveis de satisfação mais satisfatórios no mercado nacional, até mesmo em termos de expectativas para o 3º trimestre. Em termos de mercado externo, o grau de satisfação no 2º trimestre e as perspetivas para o próximo são ligeiramente menores, o que facilmente se explica pelo contexto de desaceleração. A descida do seguro de crédito à exportação bem como a dos empréstimos às empresas privadas exportadoras evidenciam também esta tendência.

1.2 Investimento

	2º Trim 2019	3º Trim 2019
Realização de investimento	3,2	3,1
Aprovação de projetos no âmbito do PT2020	1,7	2,0
Recebimento de participações do PT2020	2,2	2,5

A realização de investimento prossegue sem grandes alterações não se prevendo início de novos projetos no âmbito do PT2020 até final do 3º trimestre. O recebimento de participações tem estado atrasado e ameaça continuar.

1.3 Situação Financeira

	2º Trim 2019	3º Trim 2019
Tesouraria – nível de liquidez	3,5	3,4
Dívidas de clientes privados	3,2	3,2
Dívidas do Estado à empresa	3,5	3,5
Acesso crédito bancário (ex: niv. rácios exigidos)	3,2	3,3
Custo do crédito bancário	2,9	2,9

O nível de liquidez das empresas do setor mantém-se bastante satisfatório, bem como o recebimento de dívidas quer de clientes privados, quer do estado. O acesso ao crédito melhorou bastante neste segundo trimestre de 2019 e espera-se que se mantenha; já o seu custo, ainda não acompanha de forma satisfatória.

1.4 Emprego

	2º Trim 2019	3º Trim 2019
Recurso a Emprego Qualificado	3,0	3,1
Recurso a Emprego não Qualificado	3,2	3,2

A procura de mão-de-obra qualificada continua a não ser muito satisfatória e só ligeiramente mais fácil no caso da mão-de-obra não qualificada.

2. CONJUNTURA PORTUGUESA

Apresentam-se as previsões mais recentes do Banco de Portugal (BdP) para a economia portuguesa:

	2019(p)	2020(p)
PIB	1,7	1,6
Consumo Privado	2,6	2,0
Consumo Público	0,5	0,5
Investimento (FBCF)	8,7	5,8
Exportações	4,5	3,1
Importações	8,0	4,3
IHPC	0,9	1,2

Fonte: Banco de Portugal (junho de 2019)

A deterioração da procura externa, refletindo a conjuntura internacional, levou o Banco de Portugal a rever em baixa a projeção de variação real do PIB em 2020 (para 1,6%) nas projeções do Boletim Económico de Junho. Os valores para 2019 (1,7) e 2021 (1,6) mantêm-se.

O crescimento projetado para a economia portuguesa é, em média, ligeiramente superior ao projetado para o conjunto da área do euro, antecipando-se a continuação do processo muito gradual de convergência real da economia portuguesa. Não obstante esta evolução, no final do horizonte de projeção o PIB per capita em Portugal continuará a situar-se próximo de 60% da média do PIB per capita da área do euro.

A economia portuguesa deverá continuar a beneficiar de condições de financiamento globalmente favoráveis para todos os setores da economia e a procura externa dirigida à economia portuguesa deverá crescer em média ligeiramente abaixo de 3%, o que tem implícita uma desaceleração em 2019 e alguma recuperação nos anos seguintes. Após uma forte subida em 2019, o crescimento das importações irá reduzir-se em 2020 e estabilizar em 2021, mas ainda assim será superior ao das exportações, refletindo-se no retorno do défice da balança de bens e serviços já em 2019.

À semelhança do observado nos últimos anos, a evolução da atividade está sustentada no crescimento do consumo privado, no dinamismo da formação bruta de capital fixo (FBCF), em particular da componente empresarial, e no aumento das exportações. Tal como em 2018, ao longo do horizonte de projeção **o contributo da procura interna para o crescimento do PIB será superior ao contributo das exportações**. Este padrão de crescimento traduz-se num saldo negativo da balança de bens e serviços a partir de 2019.

A inflação, medida pela taxa de variação do Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC), deverá manter-se contida ao longo de todo o horizonte, aumentando de 0,9% em 2019 para 1,3% em 2021.

4. CONJUNTURA INTERNACIONAL

PIB	2019	2020
MUNDO	3,2	3,5
EUA	2,6	1,9
UE – ZONA EURO	1,3	1,6
Alemanha	0,7	1,7
França	1,3	1,4
Espanha	2,3	1,9
Itália	0,1	0,8
Reino Unido	1,3	1,4
PORTUGAL	1,7	1,6
Brasil	0,8	2,4
México	0,9	1,9
China	6,2	6,0
Índia	7,0	7,2
Japão	0,9	0,4
Rússia	1,2	1,9

Fonte: WEO FMI – Julho 2019

O FMI reviu novamente em baixa a previsão de crescimento da economia mundial para 3,2% este ano e 3,5% em 2020. A instituição espera que a economia mundial cresça 3,2% este ano, depois da expansão de 3,6% em 2018, recuperando para um crescimento de 3,5% em 2020.

O crescimento mundial continua "precário" e atinge os países de forma diversa. Uma economia está a ganhar alguma força em termos de crescimento, como é o caso do maior parceiro económico de Portugal (Espanha, que pode avançar 2,3% este ano). Em contrapartida, a Alemanha, o grande motor da zona euro e da Europa, vai crescer apenas 0,7%. A zona euro, prejudicada também pelo crescimento muito fraco da França (1,3%) e pela estagnação italiana (0,1%), ressentindo-se, crescendo apenas 1,3%. É o pior registo desde a crise de 2012/2013, anos de recessão.

Num panorama dominado pela guerra comercial e tecnológica entre os Estados Unidos e a China, os norte-americanos aparentam estar a sofrer menos, por enquanto. O crescimento dos EUA foi revisto em alta para 2,6% este ano (mais 0,3 pontos); a China perde uma décima de crescimento, atingindo os 6,2% em 2019.

O FMI refere que a atividade desacelerou notavelmente no início do ano em diversas economias da América Latina. A região deve crescer 0,6% em 2019, uma redução de 0,8% em relação às previsões de abril

Destaca-se o Brasil, cuja economia deverá crescer apenas 0,8% (um corte de 1,3 pontos percentuais). O FMI cita também o caso do México, onde o investimento permanece fraco e o consumo privado desacelerou, refletindo incertezas políticas, enfraquecimento da confiança e elevação dos custos de empréstimo. Na Venezuela, o FMI afirmou que a profunda crise humanitária e económica no país continua a ter impacto arrasador, e que a economia deve encolher cerca de 35% em 2019. Argentina e Chile tiveram também leves revisões em baixa.

Deste modo, "a revisão para o crescimento mundial em 2019 reflete surpresas negativas nalguns mercados emergentes e economias em desenvolvimento, que compensaram fatores positivos nalgumas economias avançadas", explica a economista-chefe do Fundo, Gita Gopinath.

A mesma acrescenta que este crescimento global "é lento e precário, mas não precisa ser assim porque parte do problema é autoinfligido". "O dinamismo da economia global está a ser pressionado pela incerteza política prolongada e as tensões comerciais continuam elevadas". "Apesar da trégua recente entre EUA e China, as tensões tecnológicas surgiram, ameaçando as cadeias globais de fornecimento de tecnologia e as perspetivas de um Brexit sem acordo aumentaram".

Segundo o FMI, o crescimento global deve ter uma retoma entre 2019 e 2020. No entanto, aproximadamente 70% do aumento vai depender de uma melhora no desempenho dos mercados emergentes e economias em desenvolvimento, ainda alvo de incertezas.